

A ABORDAGEM ONTOLÓGICA E “OS FIOS DE ARIADNE”: aproximações metodológicas para investigação e análise no Serviço Social

DOI: <http://dx.doi.org/10.18391/req.v23i1.5928>

*AN ONTOLOGICAL APPROACH AND “ARIADNE’S THREAD”1:
METHODOLOGICAL APPROXIMATION FOR INVESTIGATION AND ANALYSIS IN SOCIAL SERVICE*

Neyde Jussara Gomes Abdala Rodrigues¹
Francisco Rivelino Oliveira Nascimento

RESUMO

O presente estudo faz um percurso de revisão teórica, apresentando os padrões de conhecimentos e suas determinações históricas. Identifica o método em Marx enquanto uma ferramenta importante, capaz de elaborar críticas e categorias com implicações para a produção de conhecimento. Busca discutir ainda, sobre a aproximação do Serviço Social com Marx e sua teoria crítica e como, a partir desta interlocução, a profissão passou a ser influenciada pelo marxismo, possibilitando um direcionamento contrário a vertente conservadora que predominava no seu interior. O estudo ressalta que a adoção do método crítico dialético trouxe ganhos inquestionáveis ao Serviço Social, contribuindo para um adensamento das produções teóricas na área.

Palavras-chave: Conhecimento. Método em Marx. Produção de Conhecimento. Serviço Social.

ABSTRACT

The present study makes a journey of theoretical review, presenting the knowledge patterns and its historical determinations. Identifies the method in Marx as an important tool, capable of elaborating critics and categories with implications to the knowledge production. Aims to discuss the proximity of social service with Marx and his critical theory and how, having this interlocution as a starting point, the profession started to be influenced by Marxism, making it possible a direction contrary to the conservative dimension, which prevailed in its interior. The study highlights that the adoption of the critical dialectic method brought unquestionable gains to social services, contributing to densification of theoretical productions in the area.

Keywords: Knowledge. Method in Marx. Knowledge production. Social service.

INTRODUÇÃO

A adoção seja qual for, a determinado método de análise implica necessariamente um posicionamento teórico e também político – em seu uso etimológico do termo em expressar uma visão de mundo e, prioritariamente, uma posição a determinado fenômeno social. Por este aspecto, a abordagem que nos evidencia uma leitura mais aprofundada e com forte rigor de análise é a lente do materialismo histórico crítico dialético ancorado em seu fundamento ontológico.

Isso significa dizer que a análise realizada neste trabalho tem o intento de apresentar mesmo que topicamente as mediações entre o modelo de conhecimento baseado na modulação histórica do objeto e seus ligamentos metodológicos com a análise social da realidade, como também, a posteriori, sua adoção pelo Serviço Social como aporte teórico-metodológico para investigação e análise social. A aposta a uma totalidade do objeto de análise nos requisita uma postura atenta para não cairmos em visões reducionistas e nem deterministas. Para tanto, realizamos um levantamento bibliográfico e revisão do material.

A realidade não se apresenta na sua essência à primeira vista, mas como um objeto que precisa ser analisado e compreendido. Por intermédio da razão é possível conhecer e apreender o movimento real desse objeto. Com base nesse pressuposto, Karl Marx inaugurou

uma nova concepção de conhecimento, de teoria, de método e inovou na relação com as ciências que existiam anteriormente. Ele propõe um método revolucionário que privilegia a contradição e a mediação, o movimento histórico, a totalidade e a unidade dos contrários.

O Serviço Social se aproxima do marxismo no movimento de reconceituação, tal fato adquire maior visibilidade a partir da segunda metade dos anos 1970 e início dos anos 1980. Dessa forma, verificou-se uma expressiva ampliação da produção do conhecimento na área, contribuindo para o Serviço Social alcançar a sua maturidade intelectual, consolidando e legitimando a pesquisa.

Neste estudo, destacamos os padrões de conhecimento e suas determinações históricas. Apresentamos nossas reflexões sobre a produção de conhecimento no Serviço Social, o método crítico dialético e a sua aproximação com a profissão – discussão importante para compreender o processo de produção de conhecimento no Serviço Social, seus avanços e consolidação como área produtora de conhecimento.

OS PADRÕES DE CONHECIMENTOS E SUAS DETERMINAÇÕES HISTÓRICAS

A história da humanidade nos foi narrada a partir de um apelo ao naturalismo das coisas e ao evolucionismo dos sujeitos. Um discurso que prioriza sua apresentação “epidérmica” como justificativa do fenômeno. No entanto, segundo Tonet (2013), “[...], este modo de abordagem falseia o tratamento da problemática do conhecimento, pois impede que se veja a existência de outros caminhos” (p. 11). Contrário ao único padrão de conhecimento que produz um tipo de racionalidade versada na linearidade da história – que nos impede uma visão crítica – o autor

pondera que, “a nosso ver, porém, a correta compreensão da problemática do conhecimento não deve desqualificar nenhuma dessas abordagens, antes deve compreendê-las no interior do processo histórico” (TONET, 2013, p. 15).

Nesse sentido, levando em consideração que o conhecimento se reverbera de forma objetiva e subjetivamente na sociabilidade dos sujeitos, isso implicará certamente na intervenção e consequências sociais. Assim, “[...] tal abordagem impede que se percebam os interesses sociais que permeiam a construção da cientificidade” (TONET, 2013, p. 12).

Por esses aspectos fica exposto a falácia de uma pseudoneutralidade científica, com todos os recursos a manipulação e capitulação da história baseados em um modelo gnosiológico da ciência.

No intento de problematizar esse padrão de conhecimento como único, o autor supracitado nos apresenta a bifurcação histórica necessária em compreendermos no mínimo outro padrão de conhecimento, o ontológico. Mas, para isso, faz-se necessário nos determos a gnosiologia².

Por isso:

Vale dizer, o ponto de vista gnosiológica também tem, como pressuposto, uma determinada ontologia. O que acontece é que ou isto está apenas implícito ou é explicitamente negado. Em resumo: partir do exame da razão e ter o sujeito como eixo do conhecimento implica, implicitamente, a resposta à pergunta: o que é a realidade e o que é o sujeito? (TONET, 2013, p. 12).

O falseamento gerado por essa abordagem, segundo o autor, implica sempre na negativa e no intento de escamotear o plano ontológico da realidade. Ou seja, a prioridade do sujeito sempre será evocada e sobreposta como concepção prioritária da análise. Mas, retomando a provocação levantada pelo autor: “o que é a realidade e o que é o sujeito”, poderíamos inferir que tanto a realidade quanto o sujeito são produtos históricos e, portanto, estão situados em uma base material.

A abordagem gnosiológica desconsidera a objetividade do fenômeno, em questão, o conhecimento. O plano da produção do conhecimento está colado necessariamente à esfera da produção material e, portanto, a potência das forças produtivas.

Outro ponto importante dessa abordagem está situado na angulação em que sujeito e objeto estão posicionados. O sujeito será sempre o polo regente e, o objeto estará circunscrito em seu entorno. Em outras palavras, o sujeito-razão é o agente ativo da análise, lançando mão de sua apreensão intelectual, ou ainda, segundo Tonet (2013), “o fato de que é ele que constrói (teoricamente) o objeto” (p. 13).

É o sujeito que expressa a taxonomia, a definição, o ordenamento e organiza o objeto, ou seja, em termos absolutos é o sujeito que nomeia o objeto. É notório nessa perspectiva o recurso a uma racionalidade instrumental, à qual, de imediato, pode até parecer razoável a definição prévia de instrumentos e procedimentos para a análise. No entanto, os instrumentos e procedimentos podem se mostrar inadequados e/ou até insuficientes para tal abordagem. Com efeito, essa intervenção pode até mesmo evidenciar certa manipulação do objeto e o seu

descolamento do plano da realidade, ou ainda nos termos de Kosik (1976), é dado um trato “prático-utilitário” às coisas. Assim:

[...] a realidade se revela como mundo dos meios, fins, instrumentos, exigências e esforços para satisfazer a estas – o indivíduo “em situação” cria suas próprias representações das coisas e elabora todo um sistema correlativo de noções que capta e fixa o aspecto fenomênico da realidade (KOSIK, 1976, p. 14).

O aspecto de uma “práxis utilitária” se faz importante mesmo que no plano da imediaticidade, por posicionar os sujeitos em condições de se orientar no mundo, de se reconhecer e com isso manejá-las, “[...] mas não proporcionam a compreensão das coisas e da realidade” (KOSIK, 1976, p. 14).

O recurso a essa práxis evoca um panorama da realidade de forma fragmentária, compartimentalizada e atomizada, fruto da divisão do trabalho e da divisão da sociedade em classes sociais posicionadas assimetricamente. Esse complexo que expressa a imediaticidade dos fenômenos povoam a cotidianidade e conforma o óbice da “vida comum” a partir da sua regularidade e normatização. Efeitos esses exercidos na consciência dos indivíduos que implicam nos aspectos que naturalizam as formas de assujeitamento condicionando-os ao “mundo da pseudoconcreticidade” (KOSIK, 1976).

É importante trazer alguns caracteres que exemplificam a pseudoconcreticidade na ótica do autor supracitado. Para Kosik (1976), o fronte da pseudoconcreticidade está basilarmente na visão de **mundo dos fenômenos externos**: ao qual se desenvolve a superfície dos processos; **o mundo do tráfico e da manipulação**: a práxis fetichizada; **o mundo das representações comuns**: que são projeções dos fenômenos externos na consciência dos sujeitos e; **o mundo dos objetos fixados**: que passam a ideia de ser condições naturais.

Esses determinantes apresentam a realidade de forma colapsada em um duplo movimento que expressam contraditoriamente as nuances do real, ou ainda em outras palavras: “[...] é um claro-escuro de verdade e engano” (KOSIK, 1976). O fenômeno tanto pode encetar a essência, como pode ocultá-la. A essência é sempre manifestada à priori, inadequada e parcializada, apresentando sempre ângulos e não o fenômeno em sua totalidade.

Para o enfrentamento no campo da produção do conhecimento e, portanto, em uma investigação analítica que busque romper as formas aparentes do fenômeno se faz necessário uma abordagem que quebre com a superficialidade. Para tanto, a nosso ver, a perspectiva que melhor acompanha essa proposição é uma visão ontológica do objeto.

Faz-se importante destacar que os grandes paradigmas de conhecimento, seja na sociedade grega ou medieval³ e também a moderna, são produtos das mudanças e acompanha os avanços/recuos das forças produtivas. Pontuar isso é fundamental para compreendermos as bases materiais do conhecimento e os fios que conduzem o ser social pelo fundamento ontológico.

Quanto à abordagem ontológica buscaremos discorrer de forma que possamos apresentar mesmo que de um ponto de vista introdutório, as matizes mais gerais dessa perspectiva.

Sendo assim:

Ponto de vista ontológico é, por sua vez, a abordagem de qualquer objeto tendo como eixo o próprio objeto. Lembrando, porém, que ontologia é apenas a captura das determinações mais gerais e essenciais do ser (geral ou particular) e não, ainda, da sua concretude integral. Deste modo, a captura do próprio objeto implica o pressuposto de que ele não se resume aos elementos empíricos, mas também, e principalmente, àqueles que constituem a sua essência (TONET, 2013, p. 14).

Seguindo a posição do autor corroboramos com a utilização dessa abordagem, como sendo, mais fiel a aproximação do objeto e, portanto, a captura e apreensão do fenômeno não meramente a partir da sua aparência ou, se preferirmos, a sua forma mais imediata, mas, sim, a sua essência. Com isso, através e a partir da adoção dessa perspectiva, o objeto irá se expressar na realidade.

Vale ainda apontar para a diferenciação dentro do ponto de vista ontológico em sua formulação metafísica e histórico-social, embora, ambas, implica “[...] a subordinação do sujeito ao objeto, vale dizer que, no processo de conhecimento, o elemento central é o objeto” (TONET, 2013, p. 14). No entanto, a forma ontológica à qual lançamos mão, seja, ontológica metafísica ou histórico-social irá diferenciar a apreensão do objeto – no primeiro momento, embora o problema em questão também seja o objeto, ele, por sua vez, será analisado a partir de um ponto de vista fenomenológico.

Assim, se contrapondo a abordagem gnosiológica o objeto não é criado pelo sujeito a partir de sua ilação teórica, mas, sim, formulado por sua apreensão em forma de conceitos que se aproxime da realidade. A esse respeito:

Uma das áreas em que se refletiu fortemente esse conjunto de transformações foi a área do conhecimento. A emergência de uma nova forma de sociabilidade, de um novo mundo, impunha também a estruturação de uma nova forma de produzir conhecimento. Como se sabe, o conhecimento não é um fim em si mesmo, mas uma mediação para a intervenção sobre o mundo, tanto natural quanto social. Então, quem estabelece, no sentido ontológico, os objetivos do conhecimento é o mundo (social), especialmente a partir da sua base material (TONET, 2013, p. 35).

É na sociedade moderna que se põe em curso a “inquisição” ao padrão e a forma de produzir conhecimento do modelo greco-medieval sob a rúbrica persecutória, afirmando que aquela forma de produzir conhecimento não seria crível às formas e dinâmicas atuais da sociedade e, que não eram passíveis de verificação. “Ora, um conhecimento não passível de verificação empírica carece, segundo eles, de critério para determinar o que é verdadeiro e o que é falso” (TONET, 2013).

Os pressupostos que “guiam” esse novo período da história elegem como postulados de cientificidade a experimentação e verificação empírica como critérios de verdade. Denotam, por sua vez, a excessiva necessidade para o manuseio do conhecimento e, por conseguinte, a

verdade sob os pilares do dogmatismo científico.

Para tanto:

As exigências da produção material mudaram, por sua vez, completamente, o direcionamento da investigação, orientando-a para o conhecimento da natureza. Este conhecimento, porém, ao contrário do caráter contemplativo e ético/político ou religioso do conhecimento greco-medieval tinha, agora, um caráter eminentemente ativo e prático. Estava voltado para a transformação da natureza com o intuito de dominá-la e de colocá-la a serviço dos interesses humanos (TONET, 2013, p. 36).

O paradoxo máximo expresso nesse padrão ancora-se no fato de que, pela primeira vez na história da humanidade, os sujeitos se sobrepõem sobre as “barreiras naturais” – que por suas limitações históricas os tornavam circunscritos àquele modelo. No entanto, com aspectos inteiramente deletéreos sob as formas de produção do capitalismo, é agora a natureza e as riquezas naturais que se tornam produto e objeto de manuseio dos homens.

Assim, tendo apresentando de forma introdutória e, – sem a menor pretensão de uma análise unívoca – duas principais abordagens e perspectivas da produção de conhecimento, no item que se seguirá buscaremos abordar as principais nuances ou, melhor dizendo, algumas das principais categorias que conformam o método de Marx e suas contribuições para a produção de conhecimento.

O MATERIALISMO HISTÓRICO CRÍTICO-DIALÉTICO E SEUS “FIOS” METODOLÓGICOS

De imediato faz-se necessário advertir que o método em Marx não está exposto em um material específico de sua vasta obra intelectual e política, mas, sim, transcorre por escritos e manuscritos do filósofo. O exercício que iremos fazer aqui será o de apresentar algumas categorias centrais evidenciadas em sua perspectiva teórico-metodológica, como, por exemplo, a totalidade e a dialética sinalizando, também, o historicismo e a mediação percunscrita no seu escopo analítico.

Assim sendo, segundo Netto (2011), a trajetória intelectual de Marx inicia-se em 1841, aos 23 anos, quando recebeu o título de doutor em Filosofia pela Universidade de Jena. No entanto, é apenas entre 1843 e 1844, quando Marx se defronta teoricamente com a filosofia de Hegel, até então ainda sob a influência do materialismo de Feuerbach (NETTO, 2011). Esse primeiro momento foi certamente o ponto de partida de uma grande e profunda formulação de uma teoria social atenta ao movimento histórico e político, flagrado e denunciado por Marx na constituição da sociedade burguesa.

Esse grande “empreendimento” intelectual e político, “[...] ocupará Marx por cerca de 40 anos, de meados de 1840 até sua morte – e pode-se localizar o seu ponto de arranque nos *Manuscritos econômicos-filosóficos* de 1844 e a sua culminação nos materiais constitutivos *d’O capital*” (NETTO, 2011, p. 17).

Sendo um pensador de grande potencial teórico devido seu trato e conhecimento com um enorme léxico conceitual-filosófico, Marx estruturou, ou nos termos de Netto (2011), socorreu-se especialmente de três linhas-de-força do pensamento moderno: a filosofia alemã, a economia política e o socialismo francês.

A esse respeito, nos cabe enfatizar que Marx não partiu de pressupostos vazios, mas, sim, produziu uma iterabilidade crítica em linhas gerais, dialogicamente, em interação com as três grandes áreas do conhecimento aquela época. A exemplo disso a própria ideia de dialética (na filosofia de Hegel) e de totalidade (a partir da economia política) foi reinterpretada por Marx, reposicionando-as criticamente.

Para tanto, se desenhou “um longo processo de elaboração teórica, no curso de qual Marx foi progressivamente determinando o método adequado para o conhecimento veraz, verdadeiro, da realidade social” (NETTO, 2011, p. 19). Ou seja, o acúmulo e maturação teórico-político do filósofo se deu, também, historicamente. Ainda segundo Netto (2011), é após 15 anos que Marx “formula com precisão os elementos centrais de seu método, formulação que aparece na “Introdução”, redigida em 1857, [...], publicados postumamente, foram intitulados *Elementos fundamentais para a crítica da economia política*” (NETTO, 2011, p. 19), ao qual iremos fazer uso direto para captar esses elementos.

Antes, partiremos para um esclarecimento fundamental apontado por Netto (2011), a respeito da posição adotada por Marx, quanto a sua conceituação sobre o que é uma teoria. Assim:

Para Marx, a teoria é uma modalidade peculiar de conhecimento, entre outras (como, por exemplo, a arte, o conhecimento prático da vida cotidiana, o conhecimento mágico-religioso. Mas a teoria se distingue de todas essas modalidades e tem especificidades: o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto – *de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo*, na existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador (NETTO, 2011, p. 20).

Feito esse apontamento nos debruçaremos nas categorias centrais do método a partir de agora. Portanto, por dialética entende-se:

Meu método dialético, em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de Ideia, chega mesmo a transformar num sujeito autônomo, é o demiurgo do processo efetivo, o qual constitui apenas a manifestação externa do primeiro. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem (MARX, 2013, p. 129).

A citação acima sintetiza de forma precisa a angulação da dialética sob uma base material e historicamente, ou seja, as bases objetivas da realidade são as forças motrizes de interpretação do próprio real, expressando, assim, sua verdadeira forma e conteúdo. Nesse movimento Marx transforma a dialética em uma potente chave de análise, compreendendo a formulação da história como uma totalidade de complexos articulados e auto implicados.

Advertindo ainda sobre a mistificação dado por Hegel a dialética, mas, também reconhecendo sua importante contribuição aponta que ele “[...] tenha sido o primeiro a expor, de modo amplo e consciente, suas formas gerais de movimento. Nele, ela se encontra de cabeça para baixo. É preciso desvirá-la, a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico” (MARX, 2013, p. 129).

Sob a égide da sociedade burguesa, as contradições se acirram tangivelmente ao passo que se manifesta o desenvolvimento técnico-científico. Ademais, um ciclo repleto por vicissitudes como bem apontado por Marx (2013), relava o metabolismo social e político da indústria moderna em seu ponto culminante e intransponível, a crise estrutural.

Portanto, Marx tendo a sociedade burguesa como objeto de pesquisa, desvendou suas contradições a partir de mediações no plano da objetividade interligada a tessitura histórica passada e presente de seu tempo e – podemos inferir que ele delineio sistematicamente tendências gerais que nos acompanha aos dias atuais.

Quanto às posições do método a predominância se encontra na existência objetiva que, necessariamente independe da consciência do pesquisador. Para isso, o recurso, nos termos de Kosik (1976), ao *detour* é um imperativo para conhecer a essência do objeto. A esse respeito:

Justamente porque tal *detour* é o único caminho acessível ao homem para chegar à verdade, periodicamente a humanidade tenta poupar-se o trabalho desse desvio e procura observar diretamente a essência das coisas (o misticismo é justamente a impaciência do homem em conhecer a verdade). Com isso corre o perigo de perder-se ou de ficar no meio do caminho, enquanto percorre tal desvio (KOSIK, 1976, p. 27).

O *detour* seria a chave fundamental para o desvio a imediaticidade do fenômeno com a proposição de compreender a essência do objeto. Como todo percurso (no caso aqui exposto, o metodológico) necessita de um “leme” que direcione sua viagem, – tanto de ida quanto de volta, quanto a isso – retomamos ao uso da metáfora os “fios de Ariadne” na forma do método em oferecer um caminho, mesmo que tortuoso, os condutos mais seguros para o seu retorno.

Em outras palavras os “fios de Ariadne” aqui seriam o materialismo histórico-crítico-dialético na sua forma do método e do procedimento de investigação, constituindo a viagem de volta, ou se preferirmos, o retorno do “concreto pensado”.

Ademais segundo Marx o “concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações e, por isso, é a unidade do diverso” (MARX, 1999, p. 39). Aqui temos expresso a definição de totalidade inscrita pelo filósofo. O ponto de partida sobre a totalidade está evidenciada nos estudos do autor quanto aos postulados da economia política. É importante destacar que Marx produz uma crítica sistemática aos economistas clássicos, quanto as suas aspirações mais abstratas em relação aos aportes universalista da economia. Tomando como objeto de análise o dinheiro, Marx nos apresenta que:

O dinheiro pode existir, e de fato existiu historicamente, antes do capital, dos bancos, do trabalho assalariado, etc.; deste ponto de vista pode afirmar-se que a categoria

mais simples pode exprimir relações dominantes de um todo não desenvolvido, ou relações secundárias de um todo mais desenvolvido, relações essas que já existiam historicamente antes de o todo se ter desenvolvido no sentido expresso por uma categoria mais concreta. Só então o percurso do pensamento abstrato, que se eleva do simples ao complexo, poderia corresponder ao processo histórico real (MARX, 1999, p. 42).

Em outras palavras, o dinheiro posto na posição de fenômeno em uma totalidade se expressou de formas históricas determinadas, em linhas gerais, – e aqui está talvez, o grande ineditismo do autor – as mediações fundamentais para uma leitura aguda da história, sua confluência e conformação, sem com isso se remeter ao anacronismo e, principalmente, a uma visão “evolucionista” das sociedades.

Portanto, a categoria da totalidade é uma das apreensões mais fecundas da teoria social crítica de Marx, por arvorar as chaves e interfaces entre a aparência e a essência do objeto em uma análise social e historicamente determinada. Assim, “do ponto de vista da totalidade, compreende-se a dialética da lei e da casualidade dos fenômenos, da essência interna e dos aspectos fenomênicos da realidade, das partes e do todo, do produto e da produção e assim por diante” (KOSIK, 1976, p. 41).

Kosik (1976), nos alerta ainda para as modificações e interpretações dada à categoria de totalidade:

O sentido principal das modificações introduzidas durante os últimos decênios no conceito de totalidade foi sua redução a uma exigência *metodológica* e a uma regra metodológica na investigação da realidade. Esta degeneração do conceito resultava em duas banalidades: que tudo está em conexão com tudo, e que o todo é mais que as partes (KOSIK, 1976, p. 42).

Como podemos observar, a tomada da totalidade como análise social, requer inicialmente uma leitura “exegética” da teoria marxiana, sem cair na ótica instrumental dos procedimentos metodológicos e sem reduzir a análise a mera sistematização e aplicação das “técnicas”, pois, segundo Kosik (1976), a categoria da totalidade concreta na filosofia materialista é, sobretudo, e inicialmente a resposta a seguinte pergunta: “o que é a realidade?”, somente após responder a essa questão, “[...] ela é e pode ser um princípio epistemológico e uma exigência metodológica” (p. 42).

O conhecimento e a possibilidade de conhecer acerca da realidade, portanto, só pode ser presidida e formulada a partir de uma concepção de realidade. Afinal, a concretude atravessa de forma consubstanciada as instâncias da consciência e, portanto, as reproduções e representações acerca do que é o real.

A teoria crítica de Marx trouxe uma nova concepção de conhecimento e de método, e inovou na relação com as ciências que existiam. Com relação ao Serviço Social é inegável a contribuição do método crítico-dialético no avanço teórico e político alcançado. A profissão em sua trajetória histórica deu um salto significativo quanto ao acúmulo de conhecimentos, deixou

de ser consumidor do saber produzido por outras áreas do conhecimento e passou a produzi-lo tendo como referência o método crítico-dialético e, assim, dialogando com as transformações societárias, o que passaremos a tratar no ponto a seguir.

O MÉTODO CRÍTICO-DIALÉTICO E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NO SERVIÇO SOCIAL

A partir do contato com as ideias oriundas da Teoria Social de Marx, o Serviço Social brasileiro se propôs a romper com a sua base tradicional conservadora e estabelecer um novo horizonte à profissão.

O diálogo do Serviço Social com setores da tradição marxista acontece no interior do processo denominado Movimento de Reconceituação do Serviço Social, um movimento tipicamente latino-americano que vai de 1965 até 1975. Neste contexto surgem críticas ao conservadorismo, à sujeição da profissão aos postulados de cunho positivista das Ciências Sociais e ao ecletismo teórico.

Essa aproximação ocorre no Brasil em um contexto da Ditadura Militar. Logo, o acesso às obras se deu por meio de manuais de divulgação do marxismo e pelo contato com movimentos sociais de esquerda, por meio da prática político-partidária. Tal fato contribuiu para um processo de ruptura teórica e prática com a tradição profissional, mas também foi responsável por vários inúmeros equívocos e impasses de ordem teórica, política e profissional que refletem até os dias atuais. Segundo Iamamoto (2010), essa aproximação não foi orientada para as fontes clássicas, desse modo “foi a aproximação a um marxismo sem Marx” (p. 211).

Assim, inicia-se o diálogo do Serviço Social com setores da tradição marxista, embora de forma enviesada e marcada por inúmeros equívocos na interpretação da tradição marxista (NETTO, 2005).

É no marco da reconceituação que, pela primeira vez de forma aberta, a elaboração do Serviço Social vai socorrer-se da tradição marxista- e o fato central é que, depois da reconceituação, o pensamento de raiz marxiana deixou de ser estranho ao universo profissional dos assistentes sociais. [...] Não se trata, como se vê, de um ingresso muito feliz da tradição marxista no nosso terreno profissional; entretanto- e não há que perder de vista este aspecto –, o principal é que, a partir de então, criaram-se as bases, antes inexistentes, para pensar-se a profissão sob as lentes de correntes marxistas; a partir daí, a interlocução entre o Serviço Social e a tradição marxista inscreveu-se como um dado da modernidade profissional (NETTO, 2005, p. 148-149).

Esse movimento manifestou três direções constitutivas do processo de renovação do Serviço Social brasileiro, denominadas por Netto (2005) como perspectiva modernizadora, reatualização do conservadorismo e intenção de ruptura. É sob o legado desta última que se dará as aproximações com as produções marxianas e marxistas.

Um fato importante que se desenvolve no interior da perspectiva da Intenção de Ruptura é a vinculação do Serviço Social à Universidade, a partir de então se gesta oportunidades para o desenvolvimento da pesquisa e da produção de conhecimento. É ainda na intenção de ruptura que a profissão expressou a busca pela ruptura com o conservadorismo, colocando-se a favor dos interesses da classe trabalhadora. E, portanto, “nesse caminho, a preocupação com a pesquisa no e para o Serviço Social se fortaleceu” (SILVA; MATIAS; NÓBREGA, 2018, p. 110).

O fortalecimento da pesquisa na formação do assistente social ganhou impulso na década de 1970, com a inserção do Serviço Social nas universidades e principalmente com os primeiros cursos de Pós-Graduação na área de Ciências Sociais e, especificamente, em Serviço Social no país. “É nos espaços da pós-graduação, cujos primeiros frutos se recolhem no trânsito dos anos setenta aos oitenta, que, no Brasil, se inicia e, nos anos seguintes, se consolida a produção de conhecimentos a partir da área de Serviço Social” (NETTO, 2006, p. 11).

Vale ressaltar que a pós-graduação tem papel fundamental na adoção do Serviço Social ao referencial crítico, pois “o pensamento crítico entra no Serviço Social, se não exclusivamente, pelo menos, predominantemente, através dos programas de Pós” (GUERRA, 2011, p. 136). Nesta perspectiva, Carvalho e Silva (2005) consideram que a expansão da pós-graduação em Serviço Social contribuiu expressivamente para o desenvolvimento da produção de conhecimento tanto para o Serviço Social quanto para as Ciências Sociais.

No lastro desse processo o Serviço Social nos anos de 1980 atingiu a sua maturidade intelectual, consolidou e legitimou a pesquisa, sendo reconhecido enquanto área de conhecimento e de produção deste pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), (SPOSATI, 2007; NETTO, 1996).

A produção de conhecimento na área do Serviço Social passa a desenvolver-se com mais profundidade. Neste período ocorre um amadurecimento da produção teórica, Netto (1996) ressalta que o volume e a qualidade das produções demonstram a maturidade da profissão. É também nesta década que se tem o primeiro estudo no Serviço Social fundamentado nas contribuições marxianas. Trata-se da obra *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil – esboço de uma interpretação histórico metodológica*⁴, de autoria da assistente social e professora Marilda Vilela Iamamoto, em parceria com Raul de Carvalho.

A partir de então, o Serviço Social recorre às fontes clássicas, da tradição marxiana para a compreensão e análise do real e do próprio Serviço Social.

Se a reconceitualização viabilizou a primeira aproximação do Serviço Social com o marxismo por rotas tortuosas, o primeiro encontro do Serviço Social com a obra marxiana, dela decorrendo explícitas derivações para a análise do Serviço Social, deu-se no Brasil, apenas na década de 1980. Tratou-se de um encontro de nova qualidade com a tradição marxista: mediado pela produção de Marx e por pensadores que construíram suas elaborações fiéis ao espírito da análise marxiana [...] (IAMAMOTO, 2010, p. 234-235).

A interlocução com a teoria social de Marx conferiu nova qualidade e direcionamento aos fundamentos teórico-metodológicos do Serviço Social, constituindo-se um marco decisivo no reconhecimento da profissão nos círculos e debates acadêmicos, “a apropriação do patrimônio de Marx e da tradição marxista acumulados nesse período materializaram-se na revisão curricular de 1982 e no Código de Ética de 1986” (SIMIONATTO, 2018, p. 91).

Vale ressaltar, no currículo de 1982, a preocupação com a capacitação teórico-metodológica possibilitou avançar no estudo do marxismo e na fundamentação da formação profissional de base crítica, de renúncia do conservadorismo e ligada aos interesses da classe trabalhadora (SIMIONATTO, 2018).

Assim, o Serviço Social passa a produzir conhecimento que vai dando sustentação e embasamento à ação profissional, “o Serviço Social começou a produzir seus conhecimentos e não apenas aplicar aqueles produzidos por outras áreas” (SILVA *et al.*, 2005, p. 73). Por meio do referencial crítico o Serviço Social se consolida e alcança maturidade intelectual. Além disso,

Alcança o reconhecimento e a validação acadêmica como área de produção de conhecimento, determina seu estatuto profissional e o seu significado social, contribui na consolidação das Ciências Sociais no Brasil, adquire visibilidade no campo acadêmico e investe na construção de um projeto de sociedade que defende a educação laica, pública, gratuita, democrática, socialmente relevante e autônoma em face dos constrangimentos da racionalidade burguesa (GUERRA, 2011, p. 135).

A adoção deste referencial permitiu uma redefinição da direção social do conhecimento produzido no Serviço Social, além de contribuir na formulação do novo projeto ético-político profissional, materializado nos anos de 1990 na nova Lei que Regulamenta a Profissão, no Código de Ética Profissional de 1993 e nas Diretrizes Curriculares de 1996.

As Diretrizes Curriculares de 1996 enfatizam as dimensões ético-política, teórico-metodológica e técnico-operativa como componentes da competência profissional e articula a formação em três núcleos temáticos: o de fundamentos teórico-metodológicos da vida social; o dos fundamentos da particularidade sócio-histórica da sociedade brasileira e o núcleo de fundamentos do trabalho profissional, neste último, está inserido a pesquisa.

O referencial marxista contribui com a valorização da pesquisa na profissão, a trajetória histórica mostra que a pesquisa no Serviço Social vai deixando de ser considerada simplesmente como matéria básica, sendo concebida como um dos princípios e uma condição da formação profissional, devendo perpassá-la (SETUBAL, 2007). Inserindo-se como uma exigência para superação do pragmatismo, que foi marcante na história da profissão e ainda se faz presente na contemporaneidade. Dessa forma, verificou-se uma expressiva ampliação da produção do conhecimento na área.

De fato, a aproximação do Serviço Social com a tradição marxista trouxe ganhos indiscutíveis para a profissão, como bem ressaltar Netto “a inserção do pensamento de Marx contribuiu decisivamente para oxigenar o Serviço Social brasileiro e, desde então e apesar de tudo, constituiu-se nele uma nova geração de pesquisadores que se vale competentemente das

concepções teórico-metodológicas de Marx” (NETTO, 1999, p. 31). Ao adotar o método de Marx como referência, o Serviço Social ampliou suas competências teóricas, investigativas, políticas e operativas.

A interlocução entre o Serviço Social e o marxismo foi fundamental para o amadurecimento do Serviço Social e seu reconhecimento como área de conhecimento junto às agências de fomento à pesquisa. Como já observado, a profissão em sua trajetória histórica deu um salto significativo quanto ao acúmulo de conhecimentos, deixou de ser consumidor do saber produzido por outras áreas do conhecimento e passou a produzir conhecimento tendo como referência o método crítico dialético e assim dialogando com as transformações societárias. Elevou a qualidade da produção teórica do Serviço Social, aprimorou o conhecimento e a crítica ao pensamento conservador, levou luz à compreensão da profissão na divisão social e técnica do trabalho, “desvendando as expressões da questão social em tempos de “capital fetiche”, deslindando as engrenagens do sistema capitalista e do Estado [...]” (SIMIONATTO, 2018, p. 99).

É inegável a contribuição do método crítico-dialético no avanço teórico e político alcançado pelo Serviço Social brasileiro. O conhecimento da realidade baseada na perspectiva marxiana fundamenta a formação e a prática profissional em sintonia com a direção social estratégica da profissão. Ademais, nesta interlocução o marxismo também saiu ganhando, pois, se apropriou de temas de grande relevância social por meio do Serviço Social (SILVA, 2007).

Diante de todas estas contribuições, torna-se cada vez mais necessário discutir a relação entre o Serviço Social e o método de Marx, além de ser necessário valorizar uma aproximação qualificada entre eles e consolidar um Serviço Social crítico e maduro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feito algumas breves marcações acerca de um debate amplo e complexo, buscamos recuperar, ainda que de forma introdutória, aspectos mais gerais e centrais que discorrem sobre uma abordagem metodológica fundamentada a partir de um prisma ontológico de leitura da realidade ancorado em sua historicidade. Para tanto, a perspectiva que elencamos para nortear essa discussão está balizada em um método que prioriza o objeto como fenômeno de análise e, por conseguinte, faça o desvio necessário da sua imediata e apriorística forma, ao passo que evidencia seu conteúdo e, portanto, sua essência.

Recorremos, para tanto, o uso do recurso à literatura especializada que vem dialogando com esse arcabouço teórico a partir de um lastro amplamente consolidado. O recurso ao materialismo histórico-crítico-dialético não pode servir apenas como peça figurativa nas pesquisas e análises sociais que pretendam desvelar o solo histórico ao qual pisamos e vivenciamos suas implicações e rebatimentos. Como viemos sugerindo ao longo desta discussão, o método e/ou a teoria social crítica de Marx pode e deve nos servir, assim, como os “fios de Ariadne” serviram ao adentrar e, principalmente, ao sair do labirinto do minotauro. Os “fios” que conduzem nossas pesquisas demonstram um percurso tortuoso, complexo e difícil, assim, como é o campo dialético da realidade.

Neste estudo buscamos ainda, resgatar do processo de aproximação do Serviço Social com a teórica crítica e os efeitos de tal contato para a profissão, destacando como este processo foi fundamental para as transformações ocorridas no interior da profissão e que determinaram o compromisso da categoria com a classe trabalhadora.

O método de Marx, como já explicitado, é o método que reconstrói o real por meio do pensamento e exposição crítica desse próprio real. Ele nos permite desvelar a aparência, compreendendo suas contradições e mediações com a totalidade social. Portanto, é inegável a contribuição do método crítico-dialético no avanço teórico e político alcançado pelo Serviço Social brasileiro. O conhecimento da realidade baseada na perspectiva marxiana fundamenta a formação e a prática profissional em sintonia com a direção social estratégica da profissão.

As reflexões produzidas nos permitem afirmar que a incorporação do método marxiano foi fundamental para o amadurecimento do Serviço Social e seu reconhecimento como área de conhecimento junto às agências de fomento à pesquisa. A profissão em sua trajetória histórica deu um salto significativo quanto ao acúmulo de conhecimentos, deixou de ser consumidor do saber produzido por outras áreas do conhecimento e passou a produzir conhecimento tendo como referência o método crítico-dialético e, assim, dialogando com as transformações societárias. Ademais ao adotar o método de Marx como referência, o Serviço Social ampliou suas competências teóricas, investigativas, políticas e operativas.

NOTAS

1. A utilização aos “fios de Ariadne” nos remonta a uma alegoria filosófica acerca do mito de Ariadne na mitologia grega. Fazendo uso do recurso da metáfora para expressar os caminhos tortuosos e/ou até mesmo os “labirintos” que os objetos de pesquisas podem nos levar a percorrer. Sendo assim, os “fios de Ariadne” se assemelhariam ao método como um guia no percurso de investigação/aproximação, como também o seu retorno, expressando segundo a lente marxista na “dialética do concreto” (KOSIK, 1976).
2. A gnosiologia é o estudo da problemática do conhecimento. Nesse caso, portanto, o conhecimento é o objeto a ser estudado, assim como poderia ser qualquer outro objeto” (TONET, 2013, p. 12).
3. Tonet (2013), ressalta as diferenças existentes entre as elaborações grega e medieval no tocante à problemática da concepção de mundo e também a respeito da questão do conhecimento. Especialmente o fato de que a teorização grega era de caráter puramente racional e a elaboração medieval tinha como pressuposto a existência de um ser transcendental. “Não obstante, isso não infirma a tese central que estamos expondo: ambas tinham uma impositação ontológica, vale dizer, em ambas havia uma prioridade do objeto sobre o sujeito” (TONET, 2013, p. 18).
4. Nesta obra Iamamoto e Carvalho fazem uma releitura acerca da origem e institucionalização do Serviço Social no Brasil, situa e explica o Serviço Social como uma profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho, cumprindo funções

específicas de gerenciamento de projetos e programas de cunho social (SILVA, 2005).

REFERÊNCIAS

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. Tradução David Jardim Júnior. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

GUERRA, Yolanda. A Pós-Graduação em Serviço Social no Brasil: um patrimônio a ser preservado. *In: Temporalis*. Brasília (DF): Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, n. 22, p. 125-158, 2011.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na Contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 19ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. – 1. ed: São Paulo, Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política – livro I o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. – 1. ed. Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. Versão para Ebook, - 1. ed. Ridendo Castigat Mores, 1999.

NETTO, José Paulo. Transformações societárias e Serviço Social – notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. *In: Serviço Social e Sociedade*. n.50. São Paulo: Cortez Editora, 1996. P. 413-429.

NETTO, José Paulo. **A construção do projeto ético-político do Serviço Social frente à crise contemporânea**. Capacitação em Serviço Social e política social: módulo 1: Crise contemporânea, questão social e Serviço Social. Brasília: CEAD, 1999.

NETTO, José Paulo. O movimento de reconceituação: 40 anos depois. **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, ano 26, n. 84, p. 5-20, nov. 2005.

NETTO, José Paulo. A construção do Projeto Ético-político do Serviço Social. *In: MOTA, Ana Elizabete da et al. Serviço Social e Saúde*: formação e trabalho profissional. São Paulo: Cortez, 2006, p. 1-22.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. – 1. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SETUBAL, Aglair Alencar. Desafios à pesquisa no serviço social: da formação acadêmica à prática profissional. *In: Revista Katálysis*. Florianópolis: UFSC, v. 10, n.esp., p.64-72, 2007.

SILVA, Alessandra Ximenes; MATIAS, Thaísa Simplício Carneiro. NÓBREGA, Mônica Barros. Pesquisa e conhecimento da realidade no Serviço Social. *In: Temporalis*. Brasília (DF): Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, n.35, p. 105-118, 2018.

SILVA, Maria Ozanira da Silva e *et al.* A pesquisa, a produção e a divulgação do conhecimento dos programas de Pós-graduação na área de Serviço Social. *In: CARVALHO, D.B.B.de; SILVA, M.O. da S. e. (Orgs.). Serviço Social, pós-graduação e produção do conhecimento no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, José Fernando Siqueira da. Pesquisa e produção do conhecimento em Serviço Social. **Revista Textos & Contextos**: Porto Alegre v. 6 n. 2 p. 282-297. jul./dez. 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/2319/3248>. Acesso em: 05 de outubro de 2020.

SIMIONATTO, Ivete. As Abordagens Marxistas no Estudo dos Fundamentos no Serviço Social. *In: GUERRA, Yolanda; et al. (Orgs.). Serviço Social e Seus Fundamentos: conhecimento e crítica*. Campinas: Papel Social. 2018.

SPOSATI, Aldaíza. Pesquisa e produção de conhecimento no campo do serviço social. **Revista Katálysis**: Florianópolis, v. 10, n.esp., p. 15-25, 2007.

TONET, Ivo. **Método científico: uma abordagem ontológica**. 1. ed. – São Paulo: Instituto Lukács, 2013.